



ORIENTE MÉDIO

Enforcamento de Samira Sabizan, a iraniana forçada a se casar aos 15 anos e vítima de maus-tratos do marido, comove a comunidade internacional e lança os holofotes sobre a pena de morte no país teocrático islâmico

Irã acelera execuções



Hengaw

» RODRIGO CRAVEIRO

Mozhgan Keshavarz falou com Samira Sabizan, 29 anos, pela última vez, por telefone, há cerca de um mês. Foi como uma despedida da amiga com quem dividira a mesma cela, na prisão feminina de Qarchak, entre 2020 e 2021. Em 20 de dezembro, Samira foi enforcada em Ghezelhesar, a maior penitenciária estadual do Irã, na cidade de Karaj, 20km a noroeste de Teerã. Um desfecho trágico de uma história sombria, que lançou holofotes sobre a intensificação de execuções no Irã. “Samira foi forçada a se casar com apenas 15 anos, teve dois filhos e não os viu durante todo o tempo no cárcere. Ela não tinha ninguém. Nenhum advogado, nem dinheiro, pois era muito pobre. Trabalhava para as demais detentas”, contou Mozhgan ao **Correio**. “Minha amiga passou o melhor de sua juventude na cadeia.”

Samira perdeu a liberdade e a vida por um crime que não teria cometido. Vítima de violência doméstica, foi acusada de assassinar o marido. “A única irmã dela colocou veneno em uma bebida e deu ao cunhado. O marido de Samira morreu por causa das atrocidades sofridas por ela”, relatou Mozhgan, ativista de direitos humanos exilada em um país que preferiu não revelar. “Antes de morrer, soube que ela estava com medo, chegou a implorar. Como sua irmã tinha apenas 13 anos, Samira assumiu o crime para evitar que fosse presa.” Mozhgan tinha sido presa, em 25 de abril de 2019, por se recusar a usar o hijab, o véu islâmico. Conseguiu a liberdade condicional em 4 de fevereiro de 2022.

De acordo com Mozhgan, ao longo das últimas semanas, uma média de quatro execuções foram realizadas por dia no Irã. “Não houve reação da comunidade internacional. Há temores de que mais pessoas sejam mortas durante o Ano Novo. Especialmente no fim de ano, mulheres, jovens criminosos, manifestantes e

Reprodução



Forçada a casar ainda adolescente, Samira Sabzian teve dois filhos que não viu em 10 anos de prisão

Jahangir Razmi



Pelotão de fuzilamento executa curdos no Aeroporto de Sanandaj, do Irã, em 1979: foto ganhou o Prêmio Pulitzer de 1980

prisioneiros políticos, cuja execução atrairia reações mais severas, estão sob risco maior”, advertiu.

Diretor da organização Iran Human Rights (IHR), Mahmood Amiry-Moghaddam, explicou ao

Correio que as execuções têm se acelerado nos últimos meses. “Ao longo de 2023, foram mais de 750 presos que tiveram a pena capital cumprida”, revelou. Em todo o ano, uma média de duas

execuções diárias. “Não há números exatos sobre quantos iranianos estão no corredor da morte, porque falta transparência ao Judiciário do país. No início da semana passada, um membro do

Parlamento iraniano assegurou que, somente em Delfa, sua cidade natal, cuja população é de 140 mil pessoas, entre 1 e 2 mil prisioneiros foram sentenciados a acusações relacionadas às drogas”, afirmou. “Se este for o caso com o resto do Irã, existem centenas de milhares de pessoas no corredor da morte apenas por acusações relacionadas com drogas.” Mahmood teme que o regime use as execuções para semear medo na sociedade e prevenir protestos.

Apartheid de gênero

“Samira foi uma noiva criança. Ela não teve acesso a advogado na fase inicial da investigação, não pôde bancar um defensor durante o julgamento. Acreditamos que, se contasse com um bom advogado, ficaria livre da pena capital, segundo as leis da República Islâmica”, desabafou Mahmood. “Samira pertencia aos grupos mais marginalizados da sociedade iraniana, assim como muitas das pessoas executadas. Ela foi vítima do sistema de apartheid de gênero e se tornou vítima da máquina de assassinar do regime. Sua execução deve impulsionar as mais fortes condenações.”

Kamaram Taimori, membro da diretoria da Organização Hengaw para os Direitos Humanos, acusou Teerã de “oferecer” algumas execuções, todos os anos, para amedrontar a população e mostrar aos simpatizantes do regime que a *sharia* (lei islâmica) ainda funciona no sistema. “A execução de Samira não foi a primeira nem será a última a ser cometida pelo regime. O destino dela foi muito injusto e comovente”, disse à reportagem. Ele admite que as violações dos direitos humanos não estão no topo das prioridades das grandes potências. “Os Estados Unidos e as nações europeias, por exemplo, acham que o foco está nas aspirações nucleares do Irã”, lembrou. “Portanto, não espero qualquer pressão considerável da parte deles por essas execuções ou violações dos direitos humanos em curto espaço de tempo.”

Eu acho...

“Eu peço a todos que escutem as vozes do povo iraniano, em vez de escutarem as mentiras dos políticos da República Islâmica do Irã. Criminosos que assassinaram 600 crianças inocentes nos últimos meses. Desde 18 de dezembro, 31 pessoas foram executadas em diferentes prisões no Irã. Pedimos às pessoas, aos ativistas civis e à comunidade internacional para que intensifiquem as campanhas contra a pena de morte e aumentem a pressão política sobre a República Islâmica para salvar a vida de prisioneiros que aguardam a execução.”

Mozhgan Keshavarz, ativista dos direitos humanos iraniana e ex-presa política, hoje exilada



Arquivo pessoal

“Acredito que a comunidade internacional deveria colocar o tema dos direitos humanos, e principalmente, o uso da pena de morte pelo regime iraniano, no topo de sua agenda em cada diálogo ou interação com a República Islâmica. Infelizmente, a comunidade internacional não considera os direitos humanos tão importantes. Vemos que alguns países, como o Brasil, não votaram pela resolução dos direitos humanos, que foi aprovada pela ONU na semana passada. Isso significa que mais países levam outros temas em consideração, como questões políticas ou de segurança, em sua agenda. Fecham os olhos para as massivas violações dos direitos humanos no Irã.”

Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da organização Iran Human Rights (IHR)



Arquivo pessoal

PALAVRA SANTA

Papa pede que a paz reine no mundo

Na tradicional mensagem de Natal, o papa Francisco ontem durante a bênção Urbi et Orbi (“à cidade e ao mundo”), da sacada central da Basílica de São Pedro, no Vaticano, evocou pelo fim da guerra em Israel, lembrando que foi em Belém onde Jesus Cristo nasceu, reiterou a preocupação com os conflitos entre Ucrânia e a Rússia, assim como com a indústria de armas. Para ele, o que ocorre hoje em Gaza é uma “situação humanitária desesperadora” e apelou pela libertação dos reféns que ainda estão sob poder do Hamas e o imediato cessar-fogo.

“Suplico que cessem as operações militares, com suas consequências

dramáticas de vítimas civis inocentes, e que a situação humanitária desesperadora seja remediada, permitindo a chegada de ajuda”, pediu o pontífice referindo-se à situação humanitária na Faixa de Gaza que se agrava diariamente. A ajuda humanitária chega a conta-gotas no território e depende de autorização dos israelenses para passar pela fronteira com o Egito e do posto fronteiriço israelense de Kerem Shalom.

Israel promete “aniquilar” o Hamas após o ataque sem precedentes de 7 de outubro, uma vez que cerca de 1.140 pessoas foram assassinadas, a maioria civis. O grupo radical islâmico sequestrou 240 pessoas e 129 permanecem como

reféns em Gaza, segundo o governo de Israel. Os bombardeios israelenses deixaram mais de 20.400 mortos em Gaza. Anteontem os refugiados palestinos que estão em Al Maghazi foram surpreendidos com um bombardeio na área. O ataque deixou pelo menos 70 mortos e destruiu várias “cassas”, segundo o Ministério da Saúde do Hamas. O balanço não foi confirmado por fonte independente.

“Que não se siga alimentando a violência e o ódio, mas que se encontre uma solução para a questão palestina, por meio de um diálogo sincero e perseverante entre as partes, sustentado por uma forte vontade política e o

apoio da comunidade internacional”, pediu o papa na mensagem em que enfatizou o lema “não à guerra, sim à paz”.

No trecho dedicado ao “continente americano”, o papa pediu aos governantes, que “encontrem soluções idôneas que levem a superar as dissensões sociais e políticas, a lutar contra as formas de pobreza que ofendem a dignidade das pessoas, a resolver as desigualdades e a enfrentar o doloroso fenômeno das migrações”. Ele não mencionou especificamente o confronto entre Venezuela e Guiana nem as tensões na Argentina em decorrência das medidas adotadas pelo governo

do presidente Javier Milei.

Ao apelar pelo fim dos confrontos, Francisco condenou a produção e o comércio de armas, que chamou de “instrumentos de morte” a serviço da guerra. “Como é possível falar de paz se a produção,

a venda e o comércio de armas aumentam?”, reagiu o papa. “As pessoas, que não querem armas, e sim pão, que têm dificuldades para seguir adiante e pedem paz, não sabem quantos fundos públicos são destinados aos armamentos”, disse.

AFP



O Santo Padre apela pelo fim das guerras e o combate à indústria de armas